

Entrevista concedida a Elaine de Paula, co-editora da revista “Zero – a – Seis” e doutoranda em educação na Universidade Federal de Santa Catarina, durante as atividades de campo que realiza como parte de sua pesquisa em andamento, a qual tem como foco a compreensão do lugar ocupado pelas crianças quilombolas em dois de seus contextos de vida: no quilombo onde moram e na instituição municipal de educação infantil que freqüentam diariamente.

O entrevistado, Manoel dos Passos Matias Pereira, é presidente da ‘Associação Remanescente do Quilombo Aldeia’ e um dos líderes da Comunidade Aldeia, localizada no Município de Garopaba, Santa Catarina.



Maninho, como é reconhecido por amigos e como gosta de ser chamado, é um dos líderes da comunidade acima referida, estudante da 5ª fase de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal de Santa Catarina e Militante do Movimento Negro Unificado (MNU).

Entrevista em 21 de setembro de 2011:

Elaine:

-Maninho, em seu entendimento, qual o significado de uma comunidade quilombola?

Maninho:

- De tudo que vimos trabalhando, vivendo... é você ser um negro “afrocentrado”, ou seja, é você saber de onde você veio, quem você é; é você saber contar sua história.

Elaine:

- Como assim, mas esta história não é contada no Brasil?

Maninho:

- Neste país, o negro já teve sua identidade negada. Hoje, como educador, como estudante, digo que sou um negro salvo, porque ao estar estudando podemos trazer para a comunidade determinados saberes para que ela possa parar para refletir sobre sua história.

Elaine:

- E como isto se articula na comunidade ?

- Maninho:

- Vivemos hoje um momento importante na comunidade, nós tivemos acesso ao decreto 4887/2003, que regulamenta e titula as áreas quilombolas. Então hoje a comunidade está reconhecendo esse território, um território que já foi seu. Por outro lado, os mais antigos estão nos ensinando os caminhos pelos quais passaram, ensinando a reconhecer as plantas, os animais, a culinária, etc. Saberes locais que estão sendo transmitidos pelos mais velhos. Esta articulação de respeito e valorização de saberes necessários à manutenção de nossa identidade e de defesa de nossos interesses é fundamental para a sobrevivência da comunidade.

Elaine:

- E a comunidade, enquanto grupo, se reconhece como quilombola?

- Maninho:

- Hoje, me arriscaria a dizer que mais da metade se reconhece como quilombola, porque temos um estatuto elaborado pelos remanescentes, onde cada um consegue se enxergar.

Elaine:

- Qual seria o aspecto central desse esforço de reconhecimento ?

Maninho:

- Nossa luta é pela garantia da terra, porque foi ela que por muito tempo nos deu sustento, com o trabalho na roça, na agricultura, na lavoura. Os mais antigos falam da sua importância, falam das raízes que foram criadas e que precisam ser perpetuadas por nós. Nesse sentido, procuramos ampliar os espaços de discussão para que todos possam se reconhecer como quilombola e, o mais importante, compreender o que isso pode significar em suas histórias de vida.

Elaine:

- De quem foi a iniciativa para o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo?

Maninho:

- *O processo inicial foi com o grupo ‘Saberes da Terra’ , atividade que abarca um corpo de conhecimentos e que se realiza no Centro de Educação Quilombola- Engenho de Farinha, onde ocorrem também aulas de alfabetização. As professoras e professores desse centro são da própria comunidade em convênio com a Associação do Banco do Brasil. Temos cerca de 25 alunos, onde eu também sou educador, junto com Babá, também remanescente e técnico agrícola, e contamos com o apoio do MNU (Movimento Negro Unificado), na figura da Lurdinha. Todas essas pessoas contribuíram para instaurar o processo de nosso reconhecimento como comunidade quilombola. Uma das exigências era ter um professor e um técnico da própria comunidade, o que foi perfeito para nós, pois eu e o Babá, moradores da comunidade, atendíamos à exigência. Efetivamente, foi em 2006 que ocorreu o reconhecimento.*

Elaine:

- *Quantas famílias moram na comunidade?*

Maninho:

- *O Incra envia mensalmente cestas básicas para a comunidade e essas são distribuídas pela associação, pois é ‘ela’ que representa a comunidade. Tudo passa por lá. Dentro do cadastro da associação, recebemos 30 cestas básicas do Incra, o que significa que este é o número considerado oficialmente, mas existem muitos negros que, embora não estejam morando na comunidade, se reconhecem como quilombolas. Assim, podemos dizer que dentro do quilombo moram entre 30 a 35 famílias. Se levarmos em conta aqueles que se reconhecem como quilombolas, embora não estejam morando efetivamente na comunidade, esse número sobe para 58 famílias.*

Elaine:

- *Qual o meio de subsistência das famílias, hoje, no quilombo?*

Maninho:

- *Hoje não é mais apenas pela terra. A maioria tem trabalho provisório no verão, mas há também pessoas com outras ocupações como, professoras, diaristas, pedreiros. Claro, existem ainda pessoas que plantam, que colhem, que pescam, que cuidam de animais aqui na comunidade, mas essas atividades são apenas parte da renda familiar. Ajudam, mas não cobrem todas as despesas. Mantêm-se ainda presentes alguns aspectos da tradição, como as hortas, por exemplo. Temos algumas pessoas mais antigas que reconhecem diferentes tipos de ervas para tratamento de saúde, temos uma benzedeira que, embora esteja mais idosa, ainda benze as pessoas e é reconhecida, inclusive na comunidade dos brancos. Um aspecto preocupante é que existem muitos remanescentes que querem voltar para o quilombo, porque está muito difícil a vida lá fora. Mas a terra está muito pequena para os que já estão na Aldeia.*

Elaine:

- Por que a comunidade recebe esse nome, Aldeia? Há quantos anos existe?

Maninho:

- Esse nome é recente, faz uns 20 anos. Aldeia porque era comum os negros andarem todos juntos, então os brancos do centro falavam: 'Oh, lá vem os negros da Aldeia', e assim ficou. Mas a comunidade já existe há mais de 200 anos. Com todo esse tempo de existência ela sofreu algumas alterações. O quilombo foi muito embranquecido. Perdemos um pouco nossa tradição, nossas raízes, raízes essas que produzem nossa vida. Mas estamos fazendo um movimento de resgate, principalmente através dos "Saberes da Terra".

Elaine:

- Quais são essas ações de resgate?

Maninho:

Começamos em 2007 com o "Projeto Puxirão", projeto que recebe verbas do Governo Federal e tem como propósito a socialização dos saberes quilombola e o resgate de sua cultura. Esse projeto envolve três comunidades quilombolas: Aldeia, Morro do Fortunato e São Roque. Com esse projeto intencionamos a reconstrução de nosso engenho de farinha, onde produziremos a farinha de forma artesanal, além da plantação da mandioca. Também agregado ao centro cultural (Associação da Comunidade), será explorado o artesanato local. Há um potencial na comunidade que precisa ser incentivado, como os materiais produzidos pelas mães e idosas, como pintura e bordado. Há também um processo de formação continuada para as pessoas da comunidade que envolve convidados como, Vanda Penedo do Movimento Negro Unificado – MNU, que veio falar sobre a 'Mulher Negra'; Lurdinha, do MNU, que dissertou sobre "Sustentabilidade e território quilombola"; Marcelo Setecordas, estudante de antropologia da UFSC, também veio debater conosco; Marcelo, do Incra, que refletiu conosco acerca das possibilidades de desenvolvimento da atividade de turismo, explorando algumas questões básicas, tais como: "o que é uma comunidade quilombola?". "Quais aspectos culturais e históricos existentes na comunidade? Todo esse movimento se insere no Projeto Puxirão. Esse resgate pela cultura negra trouxe uma maior auto-estima para a comunidade e as pessoas sentiram-se mais valorizados.

Elaine:

- *Em que momentos essas atividades acontecem?*

Maninho:

- *Elas acontecem aos sábados, durante todo o dia e aos domingos pela manhã. Para a próxima formação, que ainda precisamos agendar, teremos 4 horas com a Vanda, para finalizar essa última etapa. A outra meta é trabalhar com um Engenheiro Agrônomo, para discutirmos sobre produção de mandioca.*

Elaine:

- *E as crianças, qual a participação delas nesse resgate e em todo esse movimento?*

Maninho:

- *Nós estamos mais focados nos adultos, mas estamos pensando muito em integrar as crianças nesse resgate, em ações que as envolvam diretamente. No ano anterior ensaiamos algumas atividades, tais como o 'Clubinho Quilombola', onde passeamos e fomos à Lagoa. As crianças fizeram desenhos, conheceram novos lugares, enfim, fizemos um dia diferente com elas. Mas dentro do Projeto Puxirão, ainda não há nada programado para elas, as ações ocorrem com os adultos.*

Elaine:

- *A comunidade considera necessário envolvê-las?*

Maninho:

Sim, as crianças fazem parte do nosso grupo. Elas precisam compreender o significado do espaço onde vivem. Temos nas terças e nas quintas feiras uma atividade importante da qual algumas crianças participam, que é a Capoeira. Esse encontro é com adultos e crianças, tanto de moradores da comunidade como com os que moram nas proximidades.

Elaine:

Há outras formas de participação das crianças no quilombo?

- Maninho:

As crianças participam das atividades junto com os adultos, mesmo que muitas vezes isso aconteça apenas acompanhando-os pelo espaço do quilombo e nas reuniões que acontecem.

Elaine:

- *Qual é a área do quilombo?*

Maninho:

O quilombo já foi certificado pelo Incra, mas ainda não foi titulado. A demarcação exata da área depende dessa titulação. Estamos tentando fechar o laudo até novembro.

Elaine:

- Há famílias brancas que moram na comunidade?

Maninho:

- Sim, temos casos pontuais que já estão no estatuto. A comunidade, representada pela associação, decidirá se irá requerer essas áreas ou não. Se essas pessoas permanecerem na Aldeia ou não, será uma decisão da comunidade. Esses casos são de terras que foram vendidas para pessoas de fora. O espaço ocupado pela Igreja Assembléia de Deus, que se insere no quilombo, é um exemplo disso, foi uma área vendida.

Elaine:

- Os quilombos acabam muitas vezes sendo associados a escravidão que ocorreu no Brasil, isso é importante para vocês?

Maninho:

- Não! Nossa história é a da liberdade, é a da resistência. O mais importante para nós é descobrirmos e conhecermos nossa história real. Os livros ainda trazem a princesa Isabel como a libertadora dos negros. Nós sabemos o que foi feito com o continente africano e como fomos trazidos para o Brasil. Sabemos muito bem o que significou a escravidão na vida de nossos ancestrais. Precisamos conhecer esse passado e saber que o racismo é uma prática ainda hoje recorrente em nosso cotidiano, principalmente nas salas de aulas, então precisamos combater isso, ter consciência do que acontece.